

**FACULDADE BATISTA DE MINAS GERAIS - FBMG**  
**Programa de Graduação em Teologia**

**Hudson Daniel Barbosa**

***IGREJA PRIMITIVA:***  
**utopia para a igreja evangélica brasileira**

Belo Horizonte  
2022

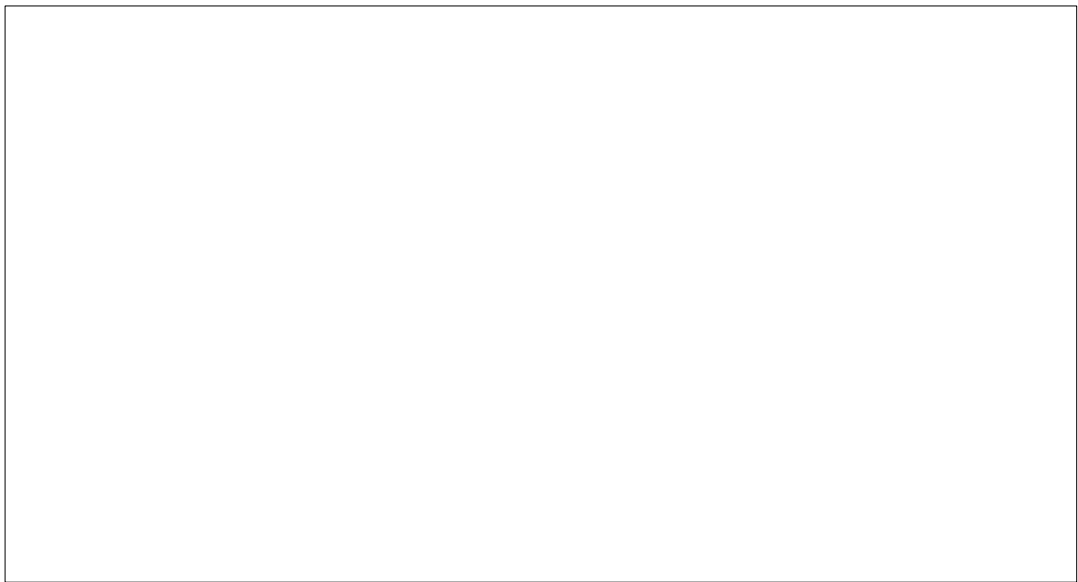
**Hudson Daniel Barbosa**

***IGREJA PRIMITIVA:***  
**utopia para a igreja evangélica brasileira**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Teologia da Faculdade Batista de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Freitas Lopes

Belo Horizonte  
2022



**Hudson Daniel Barbosa**

***IGREJA PRIMITIVA:***  
**utopia para a igreja evangélica brasileira**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em (dia) (mês) (ano)

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Tiago de Freitas Lopes (Orientador) - FBMG

---

Prof. Examinador 1

---

Prof. Examinador 2

*Dedico este TCC a Deus, Doador da vida, à minha amada esposa e aos meus amados filhos.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente Àquele cujos “olhos me viram a substância ainda informe, e no Teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda”.

Ao pastor, amigo e professor Geraldo Cruz que, juntamente com minha amada esposa, foram instrumentos nas mãos de nosso Deus para que eu iniciasse o curso.

Aos meus amados filhos pelo incentivo e compressão pelos momentos de ausência.

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, fica expressa aqui a minha gratidão, especialmente ao professor e Orientador Tiago de Freitas Lopes pela orientação, dedicação, apoio e empatia em todos os momentos necessários.

Ao colega de classe, irmão em Cristo e amigo Edgard Alves Rodrigues pelo incentivo e pela rica troca de experiências.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento para esta construção.

“Porque Eu vos dei o exemplo, para que, como Eu vos fiz, façais vós  
também”.  
(Jo 13,15)

## RESUMO

Pretende-se com este trabalho apontar um caminho que ajude a resgatar, ou mesmo repensar, a missão da igreja nascente em Jerusalém no primeiro século para que a igreja evangélica brasileira contemporânea possa, também, impactar positivamente a sociedade. A metodologia escolhida é a pesquisa bibliográfica buscando resgatar, historicamente, o crescimento e a influência de Jesus Cristo ao longo dos séculos utilizando a obra *“História da Igreja Cristã”*, de Jesse Lyman Hurlbut, o clássico *“História Eclesiástica”*, de Eusébio de Cesareia e, por fim, a obra de Moltmann *La Iglesia, Fuerza Del Espiritu (A Igreja, Força do Espírito)*. O primeiro capítulo descreve o perfil do movimento nascente em Jerusalém no início do primeiro século e o comportamento dos primeiros seguidores de Jesus. O segundo a origem e o cenário atual em que vive a igreja evangélica brasileira. O último apresenta um paralelo entre as duas realidades eclesiais estudadas e evidencia as diferenças existentes entre elas. A conclusão responde à pergunta inicial considerando os vinte séculos que separam os dois movimentos e apresenta contribuições para que a igreja evangélica brasileira retorne ao Evangelho do primeiro século.

**PALAVRAS-CHAVE:** Igreja, Evangélica, Evangelho, Espírito Santo.

## **ABSTRACT**

This paper intends to point a way to help rescue, or even rethink, the mission of the church born in Jerusalem in the first century so that the contemporary Brazilian evangelical church can also positively impact society. The chosen methodology is the bibliographical research seeking to rescue, historically, the growth and the influence of Jesus Christ along the centuries using the work "History of the Christian Church", by Jesse Lyman Hurlbut, the classic "Ecclesiastical History", by Eusebius of Caesarea and, finally, Moltmann's work *La Iglesia, Fuerza Del Espiritu* (The Church, Strength of the Spirit). The first chapter describes the profile of the nascent movement in Jerusalem at the beginning of the first century and the behavior of the first followers of Jesus. The second chapter describes the origin and the current scenario in which the Brazilian evangelical church lives. The last presents a parallel between the two ecclesial realities studied and highlights the differences between them. The conclusion answers the initial question considering the twenty centuries that separate the two movements and presents contributions for the Brazilian evangelical church to return to the Gospel of the first century.

**KEYWORDS:** Church, Evangelical, Gospel, Holy Ghost

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO 1: O surgimento da igreja cristã</b> .....	11
1.1 O período da Era Apostólica.....	11
1.1.1 A igreja em Jerusalém.....	13
<b>CAPÍTULO 2: A igreja evangélica brasileira contemporânea</b> .....	20
2.1 Um pouco de história.....	20
2.2 O protestantismo no Brasil.....	22
2.3 A igreja evangélica brasileira e a pós-modernidade.....	26
<b>CAPÍTULO 3: Cristianismo de direito e de fato</b> .....	29
3.1 Identidade cultural.....	29
3.2 Identidade cristã.....	31
3.3 As duas faces da moeda.....	32
3.3.1 Doutrina dos apóstolos.....	32
3.3.2 Comunhão.....	34
3.3.3 Ceia.....	34
3.3.4 Oração.....	35
3.3.5 A ação do Espírito na igreja.....	35
<b>CONCLUSÃO</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	40

## INTRODUÇÃO

Segundo o Censo Demográfico 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a religião<sup>1</sup> hegemônica do Brasil é o Cristianismo, sendo que nos últimos 40 anos houve o decréscimo no número de católicos e o crescimento dos evangélicos, principalmente pentecostais. Por igreja evangélica brasileira, neste trabalho, entende-se os cristãos não católicos. O Censo evidencia que a igreja evangélica em 2010 representava 22,2% da população brasileira. Entretanto, vive-se uma crise moral sem precedentes no país e não se percebe mudanças de comportamento na sociedade brasileira pela influência da igreja evangélica.

Pretende-se com este trabalho apontar um caminho que ajude a resgatar, ou mesmo repensar, a missão da igreja nascente em Jerusalém no primeiro século para que a igreja evangélica brasileira contemporânea possa, também, impactar a sociedade.

O título Igreja Primitiva: utopia para a igreja evangélica brasileira justifica-se pelo fato da distância que existe quando se relaciona a igreja nascente em Jerusalém e a igreja evangélica brasileira contemporânea. A primeira crescia em número e qualidade de vida moral impactando a sociedade da época. A última tem crescido numericamente, mas sua influência na sociedade atual ainda é tímida.

A pergunta central que move essa pesquisa é como reaproximar a igreja evangélica brasileira da missão da primeira geração dos seguidores de Cristo. Dessa forma, a principal motivação do presente trabalho é identificar as possíveis causas dessas mudanças e apresentar propostas para que sejam repensadas ações que ajudem a igreja evangélica contemporânea impactar a sociedade brasileira.

Como hipótese, assume-se que, de um modo geral, a igreja evangélica brasileira contemporânea não tem se dedicado ao ensino sistemático da Palavra de Deus. Outra hipótese a ser considerada é que se perdeu o foco da missão original considerando-se a diversidade de direções que tomou. O Censo

---

<sup>1</sup> Segundo Mondin a religião é um conjunto de conhecimentos, de ações e de estruturas com que o homem exprime reconhecimento, dependência, veneração em relação ao Sagrado

evidencia que esse grupo de religião classificada como “Evangélicas”, divide-se em três subgrupos: “De Missão”, “Pentecostais” ou “Não Determinada”. E cada subgrupo, exceção para o último, também possuem divisões.

A metodologia escolhida é a pesquisa bibliográfica buscando resgatar, historicamente, o crescimento e a influência de Jesus Cristo ao longo dos séculos.

Para tanto, a pesquisa tem por referência a obra “*História da Igreja Cristã*”, de Jesse Lyman Hurlbut, escritor metodista e ex-diretor do Instituto Bíblico de Newark - EUA; o clássico “*História Eclesiástica*”, de Eusébio, bispo de Cesareia e um dos Pais da Igreja e, por fim, a obra de Moltmann *La Iglesia, Fuerza Del Espiritu (A Igreja, Força do Espírito)*, considerado o maior teólogo vivo.

Esse trabalho é composto por três capítulos. Após uma introdução o primeiro capítulo expõe o perfil da igreja nascente em Jerusalém no início do primeiro século. O segundo capítulo versa acerca sobre a história e o cenário atual em que vive a igreja evangélica Brasileira. O terceiro capítulo propõe um paralelo entre as duas realidades eclesiais estudadas: a igreja nascente e a igreja evangélica brasileira contemporânea. A conclusão responde à pergunta inicial considerando os vinte séculos que separam os dois movimentos e que existe um caminho para se retornar ao Evangelho.

## CAPÍTULO 1

### O SURGIMENTO DA IGREJA CRISTÃ

O objetivo deste capítulo é apresentar a essência da primeira geração da igreja. Sua missão, como nasceu, os precursores, suas características e sua influência na comunidade no início do primeiro século.

#### 1.1 O período da Era Apostólica<sup>2</sup>

Em Sistema de Gestão Empresarial Missão é a razão de ser da empresa e Visão onde ela deseja chegar. Pode-se fazer esta analogia com a igreja que nascia no primeiro século. Alinhando-se os Evangelhos sinóticos<sup>3</sup> pode-se identificar a Missão dos seguidores de Jesus que, após Sua morte e ressurreição, aparece para eles. Em Marcos temos:

Finalmente, apareceu Jesus aos onze, quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, porque não deram crédito aos que o tinham visto já ressuscitado. E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura (Mc 16.14,15)

Em Lucas o autor do livro relata que Jesus, após comer com os discípulos, disse:

E que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém. Vós sois testemunhas destas coisas. Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder (Lc 24.47-49).

---

<sup>2</sup> Referente aos apóstolos que são mensageiros com ênfase naquele que o envia, de forma que o agente se torna extensão da personalidade e da influência do mestre.

<sup>3</sup> O adjetivo “sinótico” vem do grego *synopsis* que significa “ver em conjunto”. Os três primeiros evangelhos foram chamados, pela primeira vez, de “sinóticos” por J. J. Griesbach, um estudioso da Bíblia, alemão, no final do século XVIII.

Mateus também registra a chamada Grande Comissão:

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (Mt 28.19,20).

Evangelho escrito pelo apóstolo João não está entre os sinóticos, mas no capítulo 20, verso 21 registra a Missão dada aos discípulos: “Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio”. Entende-se que Cristo sintetizou a Missão dos discípulos como a pregação do arrependimento para a remissão dos pecados. “O teor da pregação dos discípulos estaria centrado na benevolente oferta divina de perdão a todos os que acreditassem” (ALLEN; HOUSE; RADMACHER, 1999, p. 215). E, para tanto, era preciso ir. Segundo BONHOEFFER (1939):

Não é óbvio que a pessoa cristã viva entre cristãos. Jesus Cristo viveu em meio aos seus adversários. [...]. Assim também o lugar do cristão não é na reclusão da vida monacal, mas em meio aos inimigos. É ali que esta sua missão, sua tarefa (BONHOEFFER, 1939, p.4).

Nas palavras do Pr. Paulo Mazoni da Igreja Batista Central – IBC, em Belo Horizonte, "O propósito da igreja é fazer o que o mundo não pode fazer."<sup>4</sup>

Sob a direção inicial de Tiago, Pedro, João, que segundo o próprio apóstolo Paulo eram “reputados colunas” (Gl 2.1), e seus sucessores imediatos inicia a igreja cristã. Não de uma forma planejada e consciente, mas, principalmente, movida pela ação do Espírito Santo que fecundou um pequeno óvulo formado por 12 homens. Até porque, segundo Jesse Hulburt (1979), esse pequeno grupo de crentes judeus não podiam, inicialmente, considerar uma igreja fora do Judaísmo. Corrobora com esta visão SHELLEY (1927):

---

<sup>4</sup> Citado no sermão intitulado Sem Parar o Impacto, realizado no dia 27/03/2022, da série de mensagens Sem Parar.

Como eram judeus devotos, permaneceram fiéis, por algum tempo, à lei judaica e continuaram a congregar nas sinagogas e no templo. Em todos os outros aspectos, o estilo de vida deles se parecia com o de qualquer outra seita da época (SHELLEY, 1927, p.19).

Segundo o Professor Doutor em teologia Bruce Shelley (1927), os discípulos acreditavam que Jesus os guiaria para o reino de Deus e intitularam o movimento de “O caminho”. Acrescenta SHELLEY (1927):

No entanto, logo depois, a comunidade de Jerusalém começou a falar de si mesma por meio de um termo do Antigo Testamento, usado para se referir à assembleia de Israel. O equivalente grego era *ekklesia* (ou “igreja”) e significava uma reunião de pessoas, as pessoas de Deus (SHELLEY, 1927, p.19).

Contudo, em duas gerações apenas, essa igreja foi estabelecida abrangendo os países, desde o Eufrates até ao Tibre, e do Mar Negro até o Nilo. Muitos estudiosos aceitam o primeiro centenário como Era Apostólica. Corroboram com essa visão HURLBUT (1979):

O primeiro período terminou com a morte de João, o último dos doze apóstolos, que ocorreu, conforme se crê, cerca do ano 100 (a.D). Consideremos, pois, essa época — “O Período da Era Apostólica” (HURLBUT, 1979, p.16).

### **1.1.1 A igreja em Jerusalém**

Quando se pensa no início da igreja cristã a referência é o evento de Pentecostes quando o grupo de discípulos de Jesus estava reunido no cenáculo em Jerusalém. Entretanto, para HURLBUT (1979):

O topo culminante que assinala o ponto de partida da igreja de Cristo é o Monte das Oliveiras, não muito distante do muro oriental de Jerusalém. Ali, cerca do ano 30 a.D. Jesus Cristo, que havia ressurgido dentre os mortos, ministrou seus últimos ensinamentos aos discípulos e logo depois ascendeu ao céu, ao trono celestial (HURLBUT, 1979, p.15).

Segundo Allen, House e Radmacher (1999) a orientação dada por Jesus em João 21 indica que os discípulos deveriam continuar com Sua obra e não iniciar uma nova, corroborando com o pensamento de Hurlbut. Compartilha desta visão CARSON, MOO, MORRIS (1997)

Pelo fato de Atos narrar os eventos do estabelecimento da igreja e atribuí-los em sua maior parte aos apóstolos, o título não é impróprio. Contudo, a julgar pelas próprias ênfases de Lucas, ele poderia ter preferido um título como “Os atos do Espírito Santo” ou “As coisas que Jesus continuou a fazer e a ensinar” (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 203).

Lucas relata no livro de Atos dos Apóstolos que no primeiro discurso de Pedro, após a experiência de Pentecostes, mais de 3000 almas foram acrescentadas aos que criam. E descreve como os novos convertidos que estavam na cidade de Jerusalém viviam:

E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos (At 2.42-47).

Lucas registra com precisão no livro de Atos as características e o comportamento daqueles que optaram em seguir a Cristo. Percebe-se quatro pilares: doutrina dos apóstolos, comunhão, partir do pão e oração.

O primeiro deles é que perseveravam na doutrina dos apóstolos. Eles continuavam firmes e, também, se dedicavam ao ensino que era a maneira de manter a uniformidade da crença em Jesus que era baseada no testemunho ocular de Seus seguidores (ALLEN; HOUSE; RADMACHER, 1999). Em Mt 28.20 Jesus foi enfático ao comissionar os discípulos: “ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado”.

O segundo pilar era a comunhão<sup>5</sup>. O apóstolo João registrou no Evangelho de sua autoria uma oração de Jesus ao Pai:

Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim (Jo 17.21-23).

Percebe-se que Jesus enfatiza a unidade como sendo a marca dos Seus seguidores. E seria alcançada por meio da comunhão cristã que “é comunhão por meio de Jesus Cristo e em Jesus Cristo. Não há comunhão cristã que seja mais ou menos do que isso” (BONHOEFFER, 1939, p. 6). Corrobora (PFEIFFER; VOS; REA, 2000):

A comunhão surge com o novo nascimento (Jo 3.1-12), e é, portanto, restrita àqueles que estão “em Cristo” (2 Co 5.17). Sua paternidade espiritual comum faz deles uma irmandade comum (Hb 2.11-13). Dessa forma, a comunhão representa a unidade espiritual que liga os crentes a Jesus Cristo e uns com os outros (Jo 15.1-10; 17.21,23; Ef 4.3-16) (PFEIFFER; VOS; REA, 2000, p. 439).

Entende-se, portanto, a importância da comunhão neste processo de crescimento da igreja cristã. Segundo BONHOEFFER (1939):

É próprio da natureza do assunto aqui tratado que ele seja fomentado apenas no trabalho em conjunto, considerando que não se trata de um assunto que interessa apenas a círculos privados, mas de uma tarefa confiada a Igreja, e que também não se trata de soluções isoladas mais ou menos ocasionais, mas de uma responsabilidade comum de toda a Igreja (BONHOEFFER, 1939, p.8).

---

<sup>5</sup> Comunhão vem do grego *kyononyia*. Significa companheirismo ou parceria com outros baseado em algo que se tenha em comum. A comunhão cristã pode ser considerada sob vários aspectos.

O terceiro pilar registrado é que os novos convertidos “perseveravam no partir do pão”. Na ótica de ALLEN; HOUSE; RADMACHER (1999):

Os novos convertidos eram incentivados a partir o pão, provavelmente, uma referência à ceia do Senhor (1 Co 11.23,24). Alguns creem que essa é uma referência mais ampla à Festa do Amor, uma refeição de comunhão da Igreja primitiva (ALLEN; HOUSE; RADMARCHER, 1999, p. 297).

Percebe-se que os apóstolos permanecem fiéis às orientações do Mestre. Segundo autores “A ceia do Senhor, junto com o batismo, é uma das duas ordenanças ou sacramentos propostos pelo próprio Senhor” (PFEIFFER; VOS; REA, 2000, p. 396). E, segundo Dietrich Bonhoeffer (1939), a ceia do Senhor é um dos três tipos de comunhão de mesa entre Jesus e Seus discípulos. Comenta BONHOEFFER (1939):

Não há dúvida de que a confissão é um ato em nome de Cristo, completo em si, sendo praticado na comunidade sempre que existe tal desejo. Também é certo que ela serve à comunidade cristã de modo especial como preparação para a Santa Ceia. Reconciliados com Deus e com as pessoas, os cristãos querem receber o corpo e o sangue de Jesus Cristo. Temos a ordem de Jesus de que ninguém venha ao altar de coração não reconciliado com o irmão. Se essa ordem se aplica a cada culto, a cada oração, quanto mais valerá para a celebração da Santa Ceia (BONHOEFFER, 1939, p.94).

Segundo Pfeiffer, Vos e Ran (2000) a ceia, assim como o batismo, é a pregação do Evangelho. Para Agostinho de Hipona (2000) a ceia trata-se da pregação do Evangelho de forma visível. Comenta PFEIFFER; VOS; REA (2000):

Entretanto, ela não funciona de uma forma mágica. A sua força vem do Espírito, a partir do seu significado. Portanto, a sua celebração deve ser acompanhada pela declaração de seu significado na Palavra lida e pregada. Sua função específica é enfatizar a historicidade do que ocorreu, e sua atual relevância (PFEIFFER; VOS; REA, 2000, p. 396).

O último pilar identificado é a perseverança nas orações. Lucas relata no primeiro capítulo do livro de Atos que os discípulos, após verem Jesus ser assunto ao céu, voltaram para Jerusalém e perseveraram unânimes em oração:

Então, voltaram para Jerusalém, do monte chamado Olival, que dista daquela cidade tanto como a jornada de um sábado. Quando ali entraram, subiram para o cenáculo onde se reuniam Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelote, e Judas, filho de Tiago. Todos estes perseveravam unânimes em oração, com as mulheres, com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele (At 1.13,14).

Segundo os comentários da Bíblia de Estudo Esquematizada (1993) a igreja que iniciava considerava a oração como um alicerce e não uma tradição vazia:

Exatamente quando a igreja começou – no primeiro culto de oração (At 1.14) – estes homens e mulheres confiaram na oração para poder realizar a vontade de Deus. Eles viram milagres sendo realizados. Orar com outros cristãos é uma das alegrias da nossa fé e aumenta nossa intimidade com Jesus (BÍBLIA DE ESTUDO ESQUEMATIZADA, 1993, p. 1571).

Lucas relata que também oraram e lançaram sortes para escolher entre José, chamado Barsabás e Matias. A vida e o ensino de Jesus foram marcados pelo exemplo. João relata que Jesus “Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as vestes e, voltando à mesa, perguntou-lhes: Compreendeis o que vos fiz?” (Jo 13.12). E seu exemplo não foi diferente tratando-se da oração. Corroboram Matos (2022):

Algo que quero chamar a sua atenção para a vida de Jesus é sobre como Ele valorizava seu tempo à sós com Deus. Em Lucas 22.39 vemos a seguinte declaração: “segundo seu costume Jesus foi ao monte das oliveiras para orar”. Destaquei a frase “segundo seu costume” para te mostrar que, retirar-se para orar era algo que Jesus fazia frequentemente, fazendo da oração um hábito (MATOS, 2022, p. 25).

De acordo com autores “os novos convertidos eram ensinados na disciplina da oração. As orações coletivas eram vistas como parte essencial do crescimento espiritual da Igreja” (ALLEN; HOUSE; RADMACHER, 1999, p. 297). Firmados nesses quatro pilares o crescimento da comunidade cristã era natural. Os novos convertidos também eram tementes a Deus. Temor era um termo familiar para os judeus desde o Antigo Testamento. Entretanto, segundo Pfeiffer, Von e Ran (2000), temor é diferente de medo, que comentam:

Um temor santo (heb. *yir'a*; gr. *phobos*) que significa ter grande temor ou respeito pela majestade e santidade de Deus, uma reverência piedosa [...] Este temor é dado por Deus e permite que o homem respeite a autoridade de Deus, obedeça aos seus mandamentos, se desvie do mal [...] e busque constantemente a santidade (2Co 7.1, Fl 2.12) (PFEIFFER; VOS; REA, 2000, p. 1892).

Lucas relata em Atos vários prodígios e sinais realizados pelos apóstolos na cidade de Jerusalém cumprindo a promessa de Jesus registrada em Marcos 16.18 “pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados”. A igreja demonstrava a mesma essência servidora de Jesus e supriam as necessidades uns dos outros. Corroboram ALLEN; HOUSE; RADMACHER (1999):

Quando uma carência física ou espiritual chegava ao conhecimento da Igreja, a ação era realizada para que o problema fosse resolvido (1Jo 3.17). Os cristãos do Novo Testamento demonstravam seu amor uns para com os outros por meio da doação deles próprios como sacrifício ao Senhor (ALLEN; HOUSE; RADMARCHER, 1999, p. 297).

Segundo Shelley (1927) sendo devotos do Judaísmo os crentes judeus perseveravam unânimes no templo e nas sinagogas. O louvor era perceptível e conquistaram a simpatia do povo pelo seu novo modo de viver. Eles se faziam presentes, não se isolavam e impactavam diariamente a comunidade judaica. Lucas relata em Atos que Pedro e João se dirigem para o templo para orar e curam um coxo que fora levado para lá. Logo após Pedro discursa e muitos se convertem:

Falavam eles ainda ao povo quando sobrevieram os sacerdotes, o capitão do templo e os saduceus, ressentidos por ensinarem eles o povo e anunciarem, em Jesus, a ressurreição dentre os mortos e os prenderam, recolhendo-os ao cárcere até ao dia seguinte, pois já era tarde. Muitos, porém, dos que ouviram a palavra a aceitaram, subindo o número de homens a quase cinco mil (At 4.1-4).

Traçado o perfil da igreja nascente em Jerusalém no início do primeiro século e sua influência na comunidade o próximo capítulo versa sobre o cenário da igreja evangélica brasileira contemporânea.

## CAPÍTULO 2

### A IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

O objetivo deste capítulo é apresentar o contexto vivido pela igreja evangélica brasileira na pós-modernidade<sup>6</sup>. Buscar suas origens, influências recebidas, suas principais características e tendências teológicas para entender o crescimento do movimento no Brasil e seu impacto na sociedade.

#### 2.1 Um pouco de história

Antes de se tratar do contexto atual da igreja evangélica brasileira é preciso voltar um pouco no tempo para compreender a complexidade da formação cultural e religiosa do Brasil. Sem esses dois pilares, religião e cultura<sup>7</sup>, torna-se difícil a compreensão do perfil da igreja evangélica brasileira em seu contexto contemporâneo. No entanto, os dois pilares não podem ser tratados de forma isolada. Segundo o componente curricular estudado no curso de Teologia da FBMG NEAD<sup>8</sup> - Religião e Formação Cultural no Brasil (2017) entende-se o Brasil como uma coletividade em processo de amadurecimento cuja existência se divide em três grandes blocos: Brasil Colônia, Brasil Império e Brasil República.

Durante os primeiros 300 anos – Brasil Colônia - foi praticada em grande escala a escravização tanto dos povos indígenas nativos como das diversas populações africanas advindas do tráfico. Pode-se considerar que o sincretismo religioso no Brasil inicia neste contexto com um conflito entre culturas: europeia, indígena e africana. Para este trabalho é relevante considerar que o colonizador português se autodenominava cristão, mesmo sendo um catolicismo medieval e místico do século XVI, e um dos propósitos era levar o evangelho ao mundo

---

<sup>6</sup> O termo "pós-modernidade" (Lyotard, 1986) ou "modernidade líquida" (Bauman, 2001) ou "hipermodernidade" (Lipovetsky, 2011), basicamente, significa uma era que veio substituir a modernidade, pois esta estaria agonizando diante do seu fim.

<sup>7</sup> Segundo Richard Niebhur "Cultura é o 'ambiente artificial e secundário' que o homem sobrepõe ao natural. Ela abrange a linguagem, hábitos, ideias, crenças, costumes, organização social, artefatos herdados, processos técnicos e valores".

<sup>8</sup> NEAD (Núcleo de Ensino à Distância) trata-se de um conjunto de obras elaborados pela Faculdade Batista de Minas Gerais para as disciplinas do curso presencial de Teologia que eram ministradas à distância,

pagão. O Clero vivia uma situação dramática, que já vinha desde o século XIV, que culminou com a Reforma Protestante e, posteriormente, a Contrarreforma Católica. Nesse mesmo período a presença da Igreja Católica Romana no Brasil foi desastrosa visto que dominava absoluta o cenário religioso.

O ponto fulcral durante o Brasil Império foi a Independência. Entretanto, o novo país ainda se apresentava como um imenso problema. Apesar disso, sob o comando de D. Pedro II, o Império brasileiro apresentou relativa estabilidade conseguindo superar as dificuldades iniciais e construir um principiante projeto de nação. O último bloco – Brasil República - é marcado por crises nas diversas mudanças das formas de governo: Repúblicas – Nova e Velha, Oligarquias e Golpes Militares. Do ponto de vista de RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL (2017):

Após a perda de legitimidade dos sucessivos governos militares, finalmente o Brasil retornou à normalidade democrática – que sempre foi efêmera –, e de 1985 até nossos dias, com crises econômicas profundas, com governos presidenciais eleitos pelo voto popular, com instituições do Estado de direito funcionando plenamente, chegamos, novamente, a uma nova época de crise geral – política, “Cultura econômica, moral, cultural, social – vivenciada a partir de 2014 até o presente, da qual não se conhece, ainda, uma maneira de ser superada (RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL, 2017, p. 6, v. 1).

Diante de tamanha complexidade torna-se difícil responder “quem é o Brasil”. Para se entender o aspecto religioso brasileiro é necessário analisar o processo de formação da cultura. Comenta RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL (2017):

Nosso objetivo é compreender, minimamente, uma única faceta desse Brasil, aquela que se relaciona com as diversas religiões e religiosidades que aqui nasceram e/ou aportaram e se desenvolveram entre seus habitantes, desde os anos coloniais até os nossos dias (RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL, 2017, p. 6, v. 1).

Essa análise requer duas reflexões. A primeira focada no passado, onde identifica-se os elementos históricos que contribuíram para que a realidade religiosa brasileira atual seja do modo que se apresenta hoje. Tem-se o

Catolicismo - de Libertação e a Renovação Carismática Católica, o Protestantismo, o Espiritismo, as Afro-Brasileiras - Candomblé e Umbanda e as indígenas. Isso, fruto de três povos – indígenas, europeus e africanos – que foram as primeiras matrizes para a formação cultural do Brasil. A segunda reflexão será apenas sobre o Protestantismo, berço da igreja evangélica brasileira, a partir do Censo Demográfico 2010 do IBGE.

## **2.2 O protestantismo no Brasil**

Historicamente houve a primeira tentativa de implantação do protestantismo com os franceses no século XIV e, posteriormente, com os holandeses no século seguinte. O protestantismo se consolidou no Brasil no século XIX a partir de duas modalidades principais: Protestantismo de Imigração e de Missão. A primeira modalidade foi fruto de uma agressiva política de imigração adotada pela Monarquia Brasileira naquele século. Essa estratégia atraiu famílias de agricultores, principalmente alemães, italianos e japoneses. Muitos desses imigrantes eram protestantes, em sua maioria luteranos alemães, tradicionais ou pietistas que recebiam terras do governo em lugares inóspitos e desabitados. Isso contribuiu para que estes grupos permanecessem como “células” de sua terra natal mantendo-se a língua mater e os costumes. Segundo MENDONÇA (2002, p. 25) “o protestantismo de imigração sempre foi considerado religião de estrangeiros” permanecendo à margem da cultura da maioria da população brasileira. Portanto, em vez de confrontar a estrutura religiosa católica do Brasil formava um universo paralelo.

Quanto ao Protestantismo de Missão, comenta RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL (2017):

A segunda modalidade de protestantismo que chegou ao Brasil foi denominada “Protestantismo de Missão” porque foi caracterizada pelo envio de missionários europeus e norte-americanos por igrejas e/ou juntas de missões dentro do grande movimento de expansão mundial do protestantismo que ocorreu durante o século XIX (RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL, 2017, p.6, v. 4).

Algumas características precisam ser destacadas sobre o Protestantismo de Missão. Sendo essencialmente evangelizador o propósito era converter os brasileiros, considerados como pessoas que possuíam uma fé cristã distorcida pelo catolicismo. Outra é que priorizavam manter a cultura original a misturar-se com a cultura nativa. Com isso, os brasileiros que se convertiam tornavam-se, culturalmente, semelhantes aos estrangeiros. Contudo, o protestantismo se tornou visível em nossa cultura por meio da influência na educação, valorização do texto sagrado e pela sua rigidez moral “que, ao mesmo tempo que os afastava da norma da sociedade, os identificava como diferentes dos outros” (RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL, 2017, p. 4, v. 8).

Quanto ao termo “evangélico” é importante citar que foi cunhado ainda na igreja nascente. Stott (1975), conhecido líder do movimento evangelical transdenominacional após a Segunda Guerra Mundial, afirma que:

O adjetivo latino *evangelicus* se utilizou já no começo da história da igreja, com referência ao evangelho. Agostinho, por exemplo, declarou que “o sangue dos cristãos é algo como a semente do fruto do evangelho” (*semen fructuum evangelicorum*) (STOTT, 1975, p. 31).

Sterr (1999), historiador do Evangelicalismo, corrobora:

A palavra “Evangelical” caiu em uso comum no tempo da Reforma, quando Lutero e os reformadores gostavam de descrever-se em latim como *evangelici* (forma reduzida de *evangelici viri*, “homens evangelicais”), ou em alemão como *die Evangelischen* (STERR, 1999, p. 10).

Baseado nos resultados do Censo Demográfico 2010 do IBGE, os evangélicos seriam o segundo grupo religioso mais numeroso do Brasil perfazendo 22,2% da população brasileira. Na ótica de RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL (2017):

O crescimento do agrupamento dos evangélicos é um dos dados mais importantes que podem ser verificados através dos últimos censos do IBGE. Em 1970, os evangélicos eram 5,2% da população. Em 1980, 6,6%. Em 1991, 9%. Em 2000, 16,2%. Em 2010, 22,2% (RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL, 2017, p. 7, v. 4).

Essa população evangélica foi classificada pelo Censo em três subgrupos: Evangélicos “De Missão”, “Pentecostais” e “Não Determinada”. Apesar da divisão em subgrupos o caráter do Censo é apenas quantitativo. O primeiro subgrupo foi separado em Luterana, Presbiteriana, Metodista, Batista, Congregacional, Adventista e Outras. Os Evangélicos Pentecostais em Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Brasil para Cristo, Evangelho Quadrangular, Universal do Reino de Deus, Casa da Bênção, Deus é Amor, Nova Vida, Evangélica renovada não determinada, Comunidade Evangélica e Outras Igrejas Evangélicas de origem pentecostal. O último subgrupo não apresenta subdivisão (Religião e Formação Cultural no Brasil, 2017).

De acordo com o Censo é perceptível o “movimento religioso”. RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL (2017) comenta:

É muito claro que a perda de fiéis católicos está ligada ao aumento no número de cristãos evangélicos. Enquanto um perde, o outro ganha. A maioria dos novos evangélicos são de ex-católicos, em sua maior parte, católicos nominais não praticantes (RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL, 2017, p. 7, v. 2).

Outra informação relevante obtida por meio do Censo é que dentro do grupo dos Evangélicos os Pentecostais representam 60% dessa população religiosa, que em 2010 representava, aproximadamente, 24 milhões de fiéis. Por sua representatividade numérica torna-se interessante entender melhor as características e influência desse subgrupo. Para se entender a abrangência do pentecostalismo no país corrobora RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL (2017)

Porém, a penetração social do pentecostalismo se deu, pelo contrário, através dos estratos menos favorecidos da sociedade. Existe um dito popular que afirma que “onde tem Coca-Cola, Correios e Bradesco, tem Assembleia de Deus”. Essa fé, protestante e pentecostal, cresceu lentamente, mas progressivamente, levando, atualmente, ao fato de que templos protestantes e pentecostais são muito mais numerosos do que os templos católicos (RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL, 2017, p. 4, v. 8).

Pode-se afirmar que, se existe um “retrato” da igreja evangélica brasileira, esse é pentecostal, De acordo com os pesquisadores pode-se classificar o movimento pentecostal no Brasil de diversas formas. Neste estudo, optou-se por fugir da perspectiva histórica e será tratado conforme suas características internas, adotando-se pentecostalismo tradicional e pós-pentecostalismo. O pentecostalismo tradicional, segundo RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL (2017)

É um movimento de reforma do Cristianismo que busca um retorno à experiência dos apóstolos com o Espírito Santo, denominada batismo com o Espírito, evidenciada pelo dom de falar em outras línguas, conforme descrito no segundo livro de Lucas, os Atos dos Apóstolos, entendendo que o cumprimento da missão dada por Jesus aos discípulos dependeria da repetição desse fenômeno em cada indivíduo (Religião e Formação Cultural no Brasil, 2017, p. 8, v. 4).

Percebe-se que o pentecostalismo tradicional é um movimento de reforma que acontece dentro das comunidades provenientes da própria Reforma. Caracteriza-se, ainda, pela restauração e evangelização. Sua classificação como “pentecostalismo tradicional” tornou-se necessária para se diferenciar do movimento, também pentecostal, que surgiu posteriormente. Na visão dos autores Passos e Rocha (2012):

Pós-pentecostalismo é uma forma de religiosidade que se destaca nas igrejas cristãs brasileiras, em especial nas pentecostais, e que é marcada por uma fé individualizada e pragmática, por uma espiritualidade focada no transcendente e em busca de uma experiência extática e sensual com o divino, pela falta de vínculos mais fortes entre o fiel e sua denominação religiosa, pela ênfase maior na vida prática do que na confissão teológica e por uma crença escatológica periférica e voltada para o presente (PASSOS; ROCHA, 2012, p. 284).

Apesar de sofrer fortes influências norte-americanas pode-se afirmar que o pós-pentecostalismo é uma variedade religiosa autenticamente brasileira visto que possui características específicas como a ligação com as religiões populares, principalmente com o catolicismo e as afro-americanas, além da

própria cultura brasileira. Por enfatizar uma fé religiosa individualista e pragmática,

O fiel pós-pentecostal é um indivíduo em busca de soluções de problemas para si e para sua família, ou seja, é um cliente que desenvolve uma relação com a instituição religiosa baseada nas leis de mercado, de oferta e procura, de compra de um “produto” religioso que o satisfaça aqui e agora. Na verdade, em sua maior expressão, não é um “fiel”, mas um freguês, pois se não está satisfeito, troca de produto, de marca ou de loja (RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL, 2017, p. 9, v. 4).

O termo pós-pentecostalismo, e não neopentecostalismo, justifica-se porque caracteriza uma ruptura e não uma continuidade com o pentecostalismo que era apresentado até o momento no cenário brasileiro.

### **2.3 A igreja evangélica brasileira e a pós modernidade**

Percebe-se na história da humanidade, desde o pós-guerra até os dias atuais, uma revolução nos campos da política, da economia, dos costumes, da tecnologia, da religiosidade, dentre outros, que não têm paralelos com outro período histórico. Como afirma BERMAN (1982):

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção [...]; descomunal explosão demográfica [...]; sistemas de comunicação de massa [...]; Estados nacionais cada vez mais poderosos [...]; movimentos sociais de massa e de nações [...], um mercado capitalista mundial [...]. No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir a ser, vêm a chamar-se “modernização” (BERMAN, 1982, p. 15).

Tratando-se dos costumes as modificações foram profundas, principalmente a partir dos anos 60 quando se iniciou uma ruptura nos valores morais da sociedade ocidental que haviam sido fundamentados na cultura judaico-cristã. Esses movimentos de “contracultura” questionavam tudo que era considerado tradicional. Apesar da relevância do processo de secularização da

sociedade brasileira por meio do Censo é possível afirmar que a população permaneceu religiosa visto que nove em dez pessoas se afirmam cristãs, católicas ou evangélicas. Mas é preciso considerar que ocorreu um esvaziamento do significado das tradições religiosas (Religião e Formação Cultural no Brasil, 2017).

Tratando-se de religiosidade existem forças externas que agem sobre as diversas religiões do Brasil. Entre elas está a Diversificação Religiosa<sup>9</sup>, o Sincretismo Religioso<sup>10</sup> e o Trânsito Religioso<sup>11</sup>. Sobre a primeira força, segundo JACOB (2003)

Esse processo, que teve início nos anos 1980, está relacionado a três elementos fundamentais da dinâmica da ocupação do território brasileiro: a preexistência de espaços não católicos ligados à história do povoamento; o avanço de frentes pioneiras, onde os pastores pentecostais encontram terreno favorável junto a uma população migrante desenraizada; e a urbanização acelerada que favorece o surgimento de novas religiões, ou a difusão de religiões vindas do exterior (JACOB, 2003, p. 33).

Identifica-se duas faces neste fenômeno da diversificação religiosa no Brasil. A primeira, que substitui uma fé tradicional por uma nova adesão religiosa, como por exemplo, do catolicismo para o protestantismo. A última, que possibilita uma migração interna, como do protestantismo histórico para as igrejas históricas renovadas (Religião e Formação Cultural no Brasil, 2017).

Já o sincretismo religioso vem desde a colonização do Brasil provocado pela multiplicidade étnica. E, ao contrário do que se pensa, os indígenas brasileiros nunca formaram uma unidade. Existiram inúmeros agrupamentos espalhados pelo vasto território brasileiro que culturalmente eram muito

---

<sup>9</sup> É uma ação contínua de perda de fiéis de uma religião majoritária, ligada ao costume e a cultura de uma dada região ou país, observado ao longo de um período, que substituem sua adesão religiosa anterior a partir da livre escolha e livre adesão em direção a outras religiões e confissões religiosas, configurando um quadro de multiplicidade religiosa anteriormente inexistente.

<sup>10</sup> É a fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas, com reinterpretação de seus elementos.

<sup>11</sup> É um intenso processo de migração de pessoas de uma religião para outra ou de uma igreja para outra, em busca de satisfação das necessidades pessoais que, de alguma maneira, não são plenamente satisfeitas por determinado movimento religioso, em um determinado espaço de tempo

diferentes em seus costumes e até mesmo sua religiosidade. Com os escravos africanos não foi diferente visto que eram trazidos de diferentes tribos e de diversas línguas. As famílias também eram separadas prevenindo-se de uma identificação cultural que pudesse representar riscos contra o sistema escravista. Atualmente o sincretismo religioso foi intensificado “nos agrupamentos religiosos majoritários – Catolicismo e Protestantismo/ Pentecostalismo – mas também nas outras religiosidades – Espiritismo, Umbanda e Candomblé” (RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL, 2017, p. 5, v. 6).

A última força a ser tratada é o trânsito religioso. O “fiel” adepto desta prática pode ser considerado um consumidor de bens e serviços religiosos que necessita de respostas rápidas às suas demandas. Corroborando, ROMEIRO (2005)

Existe hoje no Brasil um contingente significativo de evangélicos, principalmente nos grandes centros urbanos, que estão sempre circulando de igreja em igreja. Não criam raízes, não conseguem cultivar relacionamentos e são avessos aos compromissos que normalmente surgem do relacionamento entre o fiel e a igreja: frequentar os cultos, contribuir sistematicamente com a igreja local e participar de suas atividades (ROMEIRO, 2005, p. 159).

Percebe-se que todo este quadro aponta para uma nova realidade em que, não apenas os evangélicos, mas os sujeitos e os grupos religiosos em geral, estão pensando e repensando posicionamentos para o enfrentamento de temas e situações que até então eram inexistentes no cenário das religiões brasileiras.

Conhecidos mais detalhes e algumas particularidades que ajudam a entender o contexto vivido pela igreja evangélica brasileira contemporânea o terceiro e último capítulo apresenta um paralelo entre as duas realidades eclesiais estudadas considerando-se o intervalo de, aproximadamente, vinte séculos que separam as duas culturas.

## CAPÍTULO 3

### CRISTIANISMO DE DIREITO E DE FATO

O objetivo deste capítulo final é apresentar um paralelo entre as duas realidades eclesiais estudadas - a igreja nascente em Jerusalém e a igreja evangélica brasileira contemporânea – considerando-se algumas particularidades e o período de aproximadamente vinte séculos que separam as duas culturas.

#### 3.1 Identidade cultural

Para se apresentar um paralelo entre os objetos dessa pesquisa existem algumas premissas que precisam ser consideradas. Uma delas é a identidade cultural<sup>12</sup> de cada povo. Segundo RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL (2017)

O processo ligado à identidade cultural é semelhante. Superando a dimensão individual, essa é coletiva. Ou seja, um povo ou um determinado agrupamento de pessoas possui um “jeito de ser” que se apresenta a si mesmo para os outros de uma determinada maneira. Essa identidade é construída ao longo do tempo e também pode sofrer mudanças. Na verdade, ela necessariamente é mutável. O que fomos no passado não necessariamente somos hoje e nem seremos amanhã (RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL, 2017, p. 6, v. 7).

A formação cultural brasileira é resultado da confluência de três etnias que, ao contrário do que se pensa não eram homogêneas, contribuíram para que o povo brasileiro, de forma coletiva, se tornasse, em um período de aproximadamente 500 anos, o que é hoje. Apesar da identidade do povo brasileiro ser resultado dessa “mistura” existe uma cultura brasileira que é “singular, coletiva, histórica, contraditória e paradoxal, como todas as culturas humanas” (RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL, 2017, p. 5, v. 7).

---

<sup>12</sup> Identidade Cultural é um processo de construção de uma imagem própria, individual e coletiva, que envolve a expressão de bens comuns, tangíveis e intangíveis, em determinado espaço e tempo.

Portanto, sendo multifacetada a identidade cultural brasileira este trabalho considerará apenas “o jeitinho brasileiro” por seu impacto no comportamento do povo. Na ótica do antropólogo brasileiro Roberto da Matta:

O dilema brasileiro residia numa trágica oscilação entre um esqueleto nacional feito de leis universais cujo sujeito era o indivíduo e situações onde cada qual se salvava e se despachava como podia, utilizando para isso o seu sistema de relações pessoais. Haveria assim, nessa colocação, um verdadeiro combate entre leis que devem valer para todos e relações que evidentemente só podem funcionar para quem as tem (DA MATTA, 1984, p. 95-96).

Segundo *Religião e Formação Cultural no Brasil* (2017) diretamente associada ao “jeitinho brasileiro” está a “malandragem”, essa relacionada com regras e padrões baseados na subjetividade favorecendo uma identidade cultural individualista que busca os interesses da sua própria “tribo” como, por exemplo, práticas de nepotismo e corporativismo. Sendo práticas aceitáveis por grande parte da população percebe-se que a população evangélica também sofre dessa influência e prática.

É consenso da maioria dos estudiosos que a igreja iniciou quando os cento e vinte seguidores de Jesus, estando reunidos no cenáculo, receberam a presença do Espírito Santo de Deus. Comenta sobre este grupo judeu HURLBUT (1979)

Todos os membros da Igreja Pentecostal eram judeus. Tanto quanto podemos perceber, nenhum dos seus membros, bem como nenhum dos integrantes da companhia apostólica, a princípio, podia crer que os gentios fossem admitidos como membros da igreja. Quando muito admitiam que o mundo gentio se tornaria judeu, para depois aceitar a Cristo. Os judeus da época dividiam-se em três classes, e as três estavam representadas na igreja de Jerusalém (HURLBUT, 1979, p. 22).

Até cerca do ano 70, de uma forma geral, a igreja nascente ainda era percebida pelo Governo Romano, e o povo em geral, apenas como um ramo do Judaísmo. Essa relação foi definitivamente cortada somente após a destruição da cidade de Jerusalém. Isso evidencia a identidade cultural do povo judeu que,

mesmo permanecendo com raízes no Judaísmo, não permitiu que isso interferisse negativamente no comportamento dos que se convertiam a Cristo.

### **3.2 Identidade cristã**

Acredita-se ser consenso que o ponto central da fé cristã é seu Mestre e Messias, Jesus Cristo. Portanto, conforme HURLBUT (1979):

A igreja cristã em todas as épocas, quer na passada, presente ou futura, é formada por todos aqueles que creem em Jesus de Nazaré, o Filho de Deus. No ato de crer está implícita a aceitação de Cristo por seu Salvador pessoal, para obedecer-lhe como a Cristo, o Príncipe do reino de Deus sobre a terra (HURLBUT, 1979, p. 20).

E, independente da motivação do movimento iniciado por Jesus e Seus discípulos, presume-se um comportamento padrão para aqueles que O seguem. A identificação com o Mestre era tamanha naqueles dias que Mateus relata no capítulo 26, verso 73 “Logo depois, aproximando-se os que ali estavam, disseram a Pedro: Verdadeiramente, és também um deles, porque o teu modo de falar o denuncia”. Segundo o relato de Lucas no livro Atos dos Apóstolos os discípulos de Jesus também foram reconhecidos como Seus seguidores na cidade de Antiquai onde “foram os discípulos, pela primeira, vez chamados cristãos” (At 11.26). Eusébio de Cesareia, ao escrever sobre a igreja primitiva, tinha por referência não apenas o movimento que se iniciou em Jerusalém, mas a caminhada de um século dos seguidores de Cristo. Em sua visão o encontro com Cristo evidenciaria a mudança na vida das pessoas. Comenta

Se, remontando-se desde Abraão até o primeiro homem, alguém dissesse que todos estes varões, cuja justiça está bem documentada, foram cristãos, ainda que não por nome mas por suas obras, não estaria enganado. Porque o que este nome significa é que o cristão, devido ao conhecimento de Cristo e de sua doutrina, sobressai por sua sobriedade, por sua justiça, pela firmeza de seu caráter, pelo valor de sua virtude e pelo reconhecimento de um só e único Deus de todas as coisas, e a atitude daqueles homens em relação a estas coisas em nada era inferior à nossa (CESAREIA, 1999, p. 20).

### 3.3 As duas faces da moeda

Para ser objetivo na correlação das duas realidades eclesiais este trabalho tomará como referência os quatro pilares identificados no livro de Atos que sustentaram a igreja nascente em Jerusalém permitindo que crescesse em número de adeptos e influenciasse positivamente a comunidade: Doutrina, Comunhão, Ceia e Oração. Observa-se que a influência na comunidade acontecia por meio das pessoas que se convertiam e não por meio de uma instituição religiosa. Portanto, é sensato considerar a afirmação do apóstolo Pedro sobre aqueles que seguiam a Cristo:

Também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo (1 Pe 2.5).

#### 3.3.1 Doutrina dos Apóstolos

A primeira geração de cristãos em Jerusalém não possuía o Cânon<sup>13</sup>. Naquele tempo ainda prevalecia a tradição oral. A Lei Judaica permanecia intacta, porém analisada sob uma nova ótica. Mateus registrou no capítulo 5 as palavras do Messias

Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra. Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus (Mt 5.17-19).

Não é difícil compreender a perseverança dos discípulos no ensino da sã doutrina visto que receberam do próprio Jesus essa orientação antes que fosse elevado aos céus. Corrobora HISTÓRIA DA TEOLOGIA (2018)

---

<sup>13</sup> Conjunto dos 27 livros que formam o Novo Testamento sendo considerado pela maioria dos estudiosos como coleção sagrada

Os apóstolos de Jesus foram desafiados, nos primeiros anos após a sua ascensão, aproximadamente em meados dos anos 30 d.C., a demonstrar a seus irmãos judeus que habitavam em Jerusalém que este Jesus, crucificado pelos romanos e ressuscitado por Deus, era o Messias prometido a seus antepassados (HISTÓRIA DA TEOLOGIA, 2018, p. 2, v. 1).

Em contrapartida a igreja evangélica contemporânea vive outra realidade. Percebe-se de forma clara que atualmente sofre uma influência quanto à rejeição, pelo menos por parte dos evangélicos, à reflexão teológica. Bertrand Russel, um importante filósofo de meados do século XX, comenta "A maior parte das pessoas preferem morrer a pensar; e é isto que elas acabam fazendo, isto é, morrendo" (Russel, 2011, p. 72). Conforme evidencia o Censo 2010 o movimento pentecostal é predominante na população evangélica brasileira e têm como uma de suas características forte ênfase na experiência subjetiva em detrimento do estudo racional das Escrituras. Acrescenta HISTÓRIA DA TEOLOGIA (2018)

A subjetividade e a experiência religiosa acabam se tornando a "regra de fé e prática" de uma ala dos evangélicos contemporâneos. Se o sentimento se torna mais importante do que a explicação racional da fé, a possibilidade de uma evangelização centrada na exposição da mensagem de Jesus e dos apóstolos se torna prejudicada (HISTÓRIA DA TEOLOGIA, 2018, p. 5, v. 1).

Percebe-se, ainda, uma tendência de lideranças religiosas que inibem a reflexão dos fieis de suas igrejas com receio de resistência e contraposição, onde o pensar é tido como prejudicial, e não como algo que traz em si a possibilidade de superação, de cooperação, de valorização, e de crescimento. Também é evidente que as Sagradas Escrituras têm sido apresentadas de forma fragmentada onde o contexto não é considerado gerando interpretações equivocadas comprometendo a exegese<sup>14</sup> do texto sagrado.

---

<sup>14</sup> Exegese é a explicação, ou interpretação, cuidados de um texto, de uma obra artística etc. Quando se trata de um texto a palavra é estudada no original sob vários aspectos tornando-se uma ferramenta para o hermeneuta

### 3.3.2 Comunhão

Por meio do relato de Lucas no livro dos Atos dos Apóstolos observa-se que a comunhão entre os seguidores de Cristo não acontecia naturalmente visto que era necessário perseverar. E, presume-se, que perseveraram porque, segundo o próprio Jesus, a comunhão seria a marca daqueles que O seguiam. A comunhão praticada entre os novos convertidos se materializava em uma palavra: servir. Segundo relatado nos Evangelhos Sinópticos as multidões seguiram a Jesus. E as motivações eram diversas. Alguns buscavam apenas alimento, outra cura para suas doenças ou mesmo libertação espiritual. Percebe-se em vários segmentos da igreja evangélica brasileira contemporânea um comportamento análogo àquelas multidões. Muitos procuram a prosperidade material, outros buscam “seu milagre” ou a realização dos seus sonhos. Se no princípio seguir a Cristo era evidenciado pela comunhão e serviço na atualidade é medida por aquilo que Deus te deu ou que o fiel “determinou”.

### 3.3.3 Ceia

No início do movimento a morte do Mestre era recente. Presume-se que a celebração da Ceia ainda trazia à memória muita dor. Os discípulos participaram da última ceia celebrada por Jesus e muitos ouviram falar dela. Uma cerimônia onde o Mestre lava os pés dos Seus discípulos. João narra o fato no Evangelho que escreveu:

Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as vestes e, voltando à mesa, perguntou-lhes: Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também (Jo 13.12-15)

Inerente ao ato da ceia está o ato de servir. Passados dois mil anos a igreja evangélica brasileira ainda guarda esta celebração. Entretanto, não se percebe a mesma ênfase dada por Jesus. Não em sua totalidade.

### 3.3.4 Oração

Dentre tantos pedidos que os discípulos poderiam ter feito ao Messias Lucas relata que “De uma feita, estava Jesus orando em certo lugar; quando terminou, um dos seus discípulos lhe pediu: Senhor, ensina-nos a orar como também João ensinou aos seus discípulos” (Lc 11.1).

E Jesus os atende:

Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu o pão nosso de cada dia dá-nos hoje e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal [pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]! (Mt 6. 9-13).

Jesus deixou claro que a oração tinha um propósito: fazer a vontade do Pai. Foi assim que os discípulos aprenderam e assim continuaram a ensinar. Percebe-se na igreja evangélica brasileira, principalmente no segmento pentecostal, que o fiel é quem determina o que Deus precisa fazer para satisfazer sua necessidade, ou desejo, numa clara relação de fornecedor/cliente.

O fato é que o mundo pós-moderno enfrenta uma crise de uma forma geral. Nesse cenário o teólogo alemão Moltmann (1978) comenta sobre a vulnerabilidade da igreja:

A palavra “crise” está na boca de todos, seja a crise do petróleo ou as crises espirituais. Cresce a instabilidade interior e exterior. Os sistemas políticos, econômicos, éticos e religiosos são muito mais vulneráveis do que muitos pensam (MOLTMANN, 1978, p. 11).

### 3.3.5 A ação do Espírito na igreja

Para se realizar esse paralelo entre as duas realidades eclesiais nesse capítulo considerou-se os quatro pilares identificados no capítulo 2 do livro de Atos dos Apóstolos que norteou o início do movimento dos seguidores de Cristo em Jerusalém. Entretanto, é preciso considerar que existem outros parâmetros, ou pilares, para essa análise como, por exemplo, a ação do Espírito Santo na

igreja. Esse assunto é tratado pela Teologia especificamente na Pneumatologia<sup>15</sup>. Na visão de MOLTSMANN (1978):

Aqui finalmente fica claro que o que preocupa a igreja não é apenas a turbulência do mundo. [...] Naturalmente, a igreja, sua linguagem, seu culto, suas formas de vida e organização, devem levar em conta as mudanças na sociedade. [...] Mas, em última análise, ela vê uma “inquietação” em si mesma, no Cristo crucificado a quem ela se refere e no Espírito que a impele. A agitação do tempo a devolve à sua inquietação interior. [...] O que é necessário hoje não é uma adaptação hábil às novas circunstâncias sociais, mas uma renovação interior da igreja a partir do Espírito de Cristo, do poder do reino vindouro. A teoria teológica da igreja deve ser guiada, portanto, pela inquietação interior que move a igreja. Isso deve ser reconhecido se quisermos falar da “igreja de Jesus Cristo”, da “igreja do reino de Deus” e da “igreja na presença e sob o impulso do Espírito” numa perspectiva teológica (MOLTSMANN, 1978, p. 19).

Corroborando com a percepção de Moltmann a situação da igreja evangélica brasileira visto que, conforme o Censo 2010, 86,8% da população brasileira entrevistada se auto intitula cristã. Especificamente nessa informação do Censo estão sendo considerados os cristãos católicos, protestantes, pentecostais, pós-pentecostais e independentes. Comenta RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL (2017):

Ou seja, a maioria esmagadora da população brasileira afirmou-se como cristã e, minimamente, demonstra alguma influência dessa religião na sua vida privada e pública. [...]. Poderíamos afirmar que a maior parte da população brasileira se declara cristã. Em segundo lugar, o termo cristão admite muitos significados, pois pode ser usado num sentido amplo ou restrito. [...]. Portanto, poderia ser afirmado que parte da sociedade brasileira, culturalmente, identifica-se com o Cristianismo, em sentido amplo, e que outra parte da população brasileira, de forma confessional, identifica-se com o Cristianismo, em sentido restrito. Porém, a grande maioria da sociedade brasileira que se afirma cristã necessita ser questionada interna e externamente pelo ensino do próprio Jesus e dos seus primeiros discípulos e pelo próprio Cristianismo histórico (RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL, 2017, p. 5, v. 8).

---

<sup>15</sup> Estudo da doutrina da terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo. O aspecto mais importante dessa doutrina diz respeito à sua verdadeira personalidade e divindade.

Apesar dos vinte séculos que separam a igreja nascente em Jerusalém da igreja evangélica brasileira percebe-se que existe um elo em comum: o Espírito Santo de Deus. E esse Espírito tem poder para transformar qualquer realidade por maior que seja a crise, diferenças culturais ou contextuais. Comenta MOLTMANN (1978):

A interpretação teleológica da história de Cristo coincide com a interpretação pneumatológica do significado desta história. Portanto, a libertação do crente do pecado e dos poderes ímpios deste mundo também é chamada de "poder do Espírito Santo". A nova vida é uma "vida no Espírito", e a nova obediência, uma "caminhada no Espírito". A nova obediência, uma "caminhada no Espírito". A nova comunidade é ela mesma a "revelação do Espírito" e dos poderes da nova criação. Portanto, do ponto de vista escatológico, o Espírito pode ser chamado de "o poder do futuro", pois ele é o "dom escatológico", as primícias (Rm 8.23) e o penhor (2 Co1.22; 5.5) do futuro (MOLTMANN, 1978, p. 55).

Apresentado esse paralelo em que se considerou, além do intervalo de, aproximadamente, vinte séculos que as separam as duas realidades eclesiais, algumas questões culturais relevantes, segue a conclusão desse trabalho.

## CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi identificar as possíveis causas para o distanciamento da igreja evangélica brasileira contemporânea do movimento inicial no princípio do século, na cidade de Jerusalém. Além disso, repensar ações e apresentar propostas que ajudem a igreja evangélica contemporânea a retomar sua missão original e impactar positivamente a sociedade brasileira.

O primeiro capítulo versou sobre o perfil do movimento nascente em Jerusalém no início do primeiro século e o comportamento dos primeiros seguidores de Jesus. O segundo explanou sobre a origem e o cenário atual em que vive a igreja evangélica brasileira, a partir dos dados do Censo Demográfico 2010. O terceiro e último capítulo apresentou um paralelo entre as duas realidades eclesiais estudadas evidenciando as diferenças existentes entre elas.

A pesquisa realizada confirma a hipótese levantada de que a igreja evangélica brasileira contemporânea, de uma forma geral, tem sua ênfase na experiência pessoal em detrimento do estudo mais aprofundado das Sagradas Escrituras. Outra hipótese que se confirmou foi a perda do foco da missão original da igreja nascente pela diversidade de direções e propósitos que a igreja evangélica brasileira tomou optando por caminhos menos áridos.

Dessa maneira este trabalho apresenta algumas conclusões. Segundo Moltmann “torna-se necessária uma reorientação da igreja e sua doutrina. Naturalmente, a igreja, sua linguagem, seu culto, suas formas de vida e organização, devem levar em conta as mudanças na sociedade”. A situação da igreja evangélica brasileira é semelhante, portanto essa reorientação também se torna aplicável. Assim, o paradigma para a igreja evangélica brasileira poderia se considerar a primeira geração de cristãos. O movimento que se iniciou em Jerusalém poderia ser considerado como a comunidade que mais se aproximou da “noiva” de Cristo. Uma comunidade que guardou os mandamentos do Mestre. Que amou e serviu. Que aprendeu o que é compaixão e empatia.

Percebe-se nos dias atuais da igreja evangélica brasileira a analogia da parábola do joio no meio do trigo. Existe uma igreja genuína que está “plantada” entre os atuais cinquenta milhões de evangélicos brasileiros. Existem homens e mulheres cujas vidas estão dedicadas a Deus. Homens e mulheres que não

foram seduzidos pelo egoísmo e o amor ao dinheiro apesar que, neste contexto de pós-modernidade, o joio parece sufocar o trigo.

O trabalho também propõe algumas contribuições práticas para a reorientação da igreja evangélica brasileira que vive tempos de crise. A primeira é a conscientização por parte da igreja contemporânea que apenas pela ação do Espírito Santo consegue-se viver de forma diferente. E a ação do Espírito Santo na igreja vai muito além da manifestação dos Seus dons.

A segunda contribuição é a necessidade de retornar à pregação do Evangelho de Cristo para que as conversões sejam, de fato, genuínas. É preciso pregar o Evangelho da cruz para que as pessoas sejam convertidas pela ação do Espírito Santo de Deus e não convencidas pelo homem. Segundo Spurgeon "Se eu pudesse converter todos vocês, qualquer outra pessoa poderia desconverter vocês! O que um homem pode fazer, qualquer outro homem pode desfazer. Somente o que Deus faz permanece".

Uma terceira contribuição é que a igreja evangélica brasileira precisa investir nos relacionamentos, tanto internos quanto externos, visto que também é chamada para suprir a demanda emocional e relacional das pessoas.

Por fim, dado o exposto, faz-se necessário a sequência dessa pesquisa para que se possa identificar e propor mudanças que contribuam para que a igreja evangélica brasileira possa a cada dia se assemelhar à igreja nascente.

## REFERÊNCIAS

ALLEN Ronald B.; HOUSE, H. Wayne; RADMACHER, Earl D. - *O Novo Comentário Bíblico Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel Ltda, 2010.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BÍBLIA de Estudo Esquematizada - Tradução: João Ferreira de Almeida - São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 1983.

CARSON, D.A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

DA MATTA, Roberto - *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

FILHO, Carlos Ribeiro Caldas – “Reino de Deus” na Teologia Evangelical Latino-Americana (Artigo)

HISTÓRIA DA TEOLOGIA. NEAD – Núcleo de ensino a distância da Faculdade Batista de Minas Gerais. Apostila curso de Teologia EAD; Belo Horizonte, [2018]. v.1

HURLBUT, Jesse Lyman – *História da Igreja Cristã* - São Paulo: Editora Vida, 1979.

JACOB, Cesar Romero et al - *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

MOLTMANN, Jürgen. *A igreja, força do Espírito*. Salamanca: Edições Segue-me, 1978.

MONDIN, Battista - *O homem, quem é ele? Elementos de antropologia filosófica*. São Paulo: Paulus, 2015.

NIEBUHR, Richard. *Cristo e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

PASSOS, M; ROCHA, D - Em tempos de pós-pentecostalismo: repensando a contribuição de Paulo Siepierski para o estudo do pentecostalismo brasileiro. *Angelus Novus*, América do Norte, 0, jul. 2012. Disponível em: <http://www.usp.br/ran/ojs/index.php/angelusnovus/article/view/143/> Acesso em: 27 Dez. 2015.

PFEIFFER; Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John - *Dicionário Bíblico Wycliffe*. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2010.

RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL. NEAD – Núcleo de ensino a distância da Faculdade Batista de Minas Gerais. Apostila curso de Teologia EAD. Belo Horizonte, [2017]. v. 1

RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL. NEAD – Núcleo de ensino a distância da Faculdade Batista de Minas Gerais. Apostila curso de Teologia EAD. Belo Horizonte, [2017]. v. 2

RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL. NEAD – Núcleo de ensino a distância da Faculdade Batista de Minas Gerais. Apostila curso de Teologia EAD. Belo Horizonte, [2017]. v. 4

RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL. NEAD – Núcleo de ensino a distância da Faculdade Batista de Minas Gerais. Apostila curso de Teologia EAD. Belo Horizonte, [2017]. v. 6

RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL. NEAD – Núcleo de ensino a distância da Faculdade Batista de Minas Gerais. Apostila curso de Teologia EAD. Belo Horizonte, [2017]. v. 7

RELIGIÃO E FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL. NEAD – Núcleo de ensino a distância da Faculdade Batista de Minas Gerais. Apostila curso de Teologia EAD. Belo Horizonte, [2017]. v. 8

ROMEIRO, Paulo - *Decepcionados com a graça*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2005.

RUSSELL, Bertrand. *Por que não sou cristão*. São Paulo: Editora L&PM, 2011.

SHELLEY, Bruce L. *História do Cristianismo Ao Alcance de Todos*. São Paulo: Shedd Publicações Ltda-Me, 1927.

STEER, R - *Guarding the Holy Fire. The Evangelicalism of John R. W. Stott, J. I. Packer, and Alister McGrath*. Grand Rapids: Baker Book House, 1999.